

"O Sagrado e a Política"

F. C. Gulbenkian,
Fundação Cuidar o Futuro
Abril 1989



Maria de Lourdes

President of the Independence

Population and Quality

Fundação Cuidar o Futuro

requests the pleasure of the company of

at

O SAGRADO E A POLITICA

Maria de Lourdes Pintasilgo



1. Mundo de incerteza e de complexidade

A questão da governabilidade e hoje o problema dominante do universo político. (1)

Nela se resume uma vasta problemática que abarca:

- a escalada da desordem monetária com a ameaça permanente do colapso do sistema e a sua inevitável repercussão nas próprias estruturas democráticas;
- o precário equilíbrio em que assenta uma economia mundial gestora da escassez e da injustiça institucionalizada, incapaz de produzir modelos que respondam as exigências sociais dos indivíduos e de regiões inteiras;
- os dados contraditórios da interligação entre o desenvolvimento (em qualquer dos seus estádios), a degradação acelerada das condições ambientais necessárias para a sobrevivência humana e a incapacidade de se atingir um patamar de estabilidade demográfica;
- as novas fronteiras da relação entre a ética e a investigação científica que a engenharia genética leva para zonas insuspeitadas a Einstein e Oppenheimer;
- a deriva da tensão entre as duas super-potências para novas formas de conflitos actuais ou latentes entre povos e grupos. (2)

Os métodos das ciências modernas não só não respondem a esta problemática como a manifestam ainda de forma mais crua. Assim os exemplos que dou a seguir.

Equilíbrio Cuidar o Futuro

A espessa camada de satélites que interconecta o planeta não ilude o sentimento de que, apesar da informação instantânea, as coisas estão totalmente fora do controle humano. (3)

A capacidade auto-organizativa de todos os organismos vivos não evita a tendência entropica das sociedades organizadas. (4)

Os instrumentos altamente sofisticados de que dispomos, a medida que aumenta o grau de incerteza, revelam-se cada vez menos aptos a responder as perguntas da inteligência humana que se situam no plano, para eles estranho, da ambiguidade. (E não é a "fuzzy logic" de que se fala nas últimas semanas que vem no imediato resolver a questão. Desloca-la-a provavelmente para a interrogação metafísica das condições e dos limites da inteligência artificial). (5)

Por seu turno, a teoria dos sistemas que até hoje nos aparece como a melhor via para lidar com esta multiplicidade de fenómenos, ao codificar as formas como interactuam as partes autónomas e interdependentes dos corpos sociais, apenas nos fala descritivamente dos "feixes de confusões" ou nos orienta para a instável e intuitiva gestão hoje conhecida por "muddling

through"... (6)

Por isso e hoje generalizada a referencia a imprevisibilidade do futuro, ao contexto incoerente dos fenomenos, a civilizacao caracterizada pela incerteza (no sentido que lhe da Heisenberg), a turbulencia como estado permanente das questoes sociais e politicas. E o tempo da complexidade.

2. O sagrado como recusa da complexidade

E num tal contexto que se pode equacionar hoje, em novos termos, a questao do sagrado.

Em outras eras do desenvolvimento das civilizacoes, o sagrado foi muitas vezes o refugio face ao temor que suscitavam os fenomenos da natureza, de causas desconhecidas para os homens de entao.

Hoje e a consciencia difusa da complexidade dos fenomenos politicos, e a ingovernabilidade vivida a escala planetaria que, ao esbarrarem na impotencia individual e colectiva, provocam o reaparecimento do sagrado.

As interrogacoes que a complexidade levanta e a angustia que provoca levam a recusa da modernidade. E entao o retorno ao sagrado de sociedades inteiras, e o aparecimento macico de fenomenos religiosos, e o pietismo ritualista no plano individual.

As manifestacoes dessa forma primaria de regresso ao sagrado estao, em termos politicos, diante de nos numa sociedade inteira: o ayatollah e o referente supremo, unico interprete da lei e distribuidor de todos os bens, juiz supremo da vida e da morte; as multidoes desapossam-se da sua propria vontade para se fundirem numa consciencia colectiva que factos galvanizadores (como a condenacao de Rushdie) vem ciclicamente consolidar; o povo torna-se surdo as vozes do exterior e qualquer condenacao por violacao dos direitos humanos e-lhe totalmente incompreensivel e inaudivel.

Numa tal sociedade a consciencia individual fica submersa nesse estado de fusao entre o povo e o leader politico. Nao ha lugar para a reivindicacao dos direitos humanos nem para as expressoes mais elementares da vida democratica.

Mas a recusa da complexidade produz-se igualmente em sociedades de que foi evacuada qualquer referencia a Deus - cito o exemplo da Coreia do Norte porque o conheci directamente e porque me parece paradigmatico. Nao se trata, a meu ver, em primeiro lugar do regime politico ai vigente. O isolamento da sociedade coreana e menos um problema ideologico do que o resultado de uma sacralidade que a mantem permanentemente em estado de "nascimento". As estatuas do Presidente enchem o pais sobretudo oslugares considerados sagrados por terem sido o teatro da guerra da libertacao. Todas as realizacoes, da agricultura a industria



, a educacao ou a cultura, sao descritas como tendo a sua origem na inteligencia e sabedoria do leader.

Numa tal sociedade, a pessoa humana nao pode falar nem sentir a partir de um saber seu mas pode apenas exprimir-se a partir das "revelacoes" do dirigente politico.

3. A sacralizacao das sociedades secularizadas

A Europa industrializada e secularizada nao e menos vulneravel a angustria perante a complexidade. Reage-lhe, porem, de outro modo.

O que caracterizou a Europa no plano da relacao sagrado/politica foi a via cultural da autonomia progressiva de todas as realidades do universo politico. Embora nao tenha sido um processo linear ao longo do tempo a sua dinamica e claramente perceptivel a ponto de ser um dos elementos constitutivos da identidade europeia.

Por um lado, o reconhecimento dos direitos do homem na Revolucao Francesa afirma a dignidade da existencia humana e muda radicalmente a relacao entre o sagrado e a politica. Essa nova relacao vai repercutir-se a todos os niveis da estrutura social e politica.

Por outro lado, a industrializacao introduz a inflexibilidade das leis da Fisica e da Quimica numa escala ate ai desconhecida enquanto a gestao da producao remete para um dominio macro-economico que se revela ele proprio tambem como eminentemente autonomo.

A medida que as leis da cidade se definem em si mesmas sem referentes sagrados, a sociedade seculariza-se. Os ultimos 200 anos sao na historia mundial a historia desse lento processo de secularizacao, de emancipacao das realidades deste mundo e da cidade dos homens.

Mas gradualmente - e sobretudo nos ultimos 30 anos - da-se o aparecimento de formas inusitadas do sagrado. A propria estrutura da organizacao democratica, na sua expressao especificamente politica, comeca a manifestar fenomenos que pelas suas caracteristicas sao do dominio do sagrado.

A tal facto nao e indiferente nem o progresso tecnologico com as inumeras possibilidades que oferece a reproducao dos acontecimentos e a criacao de ambientes aparentemente sobrenaturais nem os media que amplificam, reduzem ou anulam novos acontecimentos, tendo um papel de supremos ordenadores do universo criado e da percepcao que deles tem os homens.

Os fenomenos politicos passam a ter caracteristicas que, mesmo em pessoas ateias e atraves de expressoes despidas de todo o



significado relativo a presença divina envolvem os mesmos elementos que os fenômenos sagrados.

A consciência individual - tal como em outras situações de hegemonia do sagrado- e sacrificada aquilo que o sagrado tem de alienante. E o silêncio do social de que fala Baudrillard, São as massas silenciosas.

Esta questão é muitas vezes analisada exclusivamente em termos da vivência política que não mobiliza, não conduz a participação, etc. A meu ver, o que está em causa é uma perversão do processo político tal como tem sido vivido na Europa provocado pelos elementos sacralizantes do próprio formalismo democrático.

Perante a complexidade a Europa não pode renunciar a sua especificidade cultural de berço a um tempo dos direitos humanos e do saber científico e tecnológico como elementos autônomos e constitutivos da sociedade política. Por isso, em vez de regressar ao sagrado religioso, gera o sagrado com os próprios seculares do processo político.

Na civilização que teve origem na Europa e se consolidou no Hemisfério Norte, é a própria estrutura da organização democrática que segrega fenômenos de sacralização de tipo novo. Em certo sentido, pode até dizer-se que quanto maior é a experiência democrática ou quanto mais virgem é a vida democrática, maior é a tendência para a sacralização.

A complexidade, a traduzir-se na clara evidência da ingovernabilidade, faz com que, pela primeira vez na História, o homem saiba que não sabe como governar a cidade.

É a questão das finalidades da política, hoje ressentida como a ausência de "um grande designio", (7) como o tem expresso, de forma grandiloquente, os políticos e sociólogos franceses.

É o significado da política na economia das actividades humanas.

É a insegurança dos actores políticos, mascarada umas vezes pela distância olímpica e outras vezes pelas decisões pontuais e contraditórias.

É a total ineficácia da política na gestão dos verdadeiros problemas dos homens, na sua responsabilidade de estabelecer "a ordem e a lei" ao nível dos direitos fundamentais de cada pessoa e de cada povo.

Perante esse quadro de incertezas, a sociedade procura, em novos moldes, o sagrado que exorcisa, securiza e consola.

(Num contexto diferente em termos de influência religiosa, os sociólogos e os antropólogos brasileiros justificam



o vertiginoso aumento da macumba e das diversas seitas sincreticas como a procura pela parte das multidoes, face a falencia de toda a politica, de uma religiao do consolo.)

E nesse novo sagrado tambem a pessoa humana se desapossa das suas capacidades de intervencao critica e a democracia fica comprometida nos seus funfamentos, embora sejam respeitados os seus mecanismos formais.

4. A sacralizacao do chefe

Nesse movimento inconsciente para o sagrado, a sociedade aglutina-se, projecta-se num chefe, num dirigente politico. E que na sociedade sacral alguem " tem de" representar um poder mais alto, constitutivo do povo enquanto tal.(8)

O processo que "pede" o chefe e eminentemente sacral, apesar do voto que democraticamente legitimou o chefe.

E um fenomeno interessante das sociedades sacrais o facto de as forcas, potencias, energias, presentes nessas sociedades serem experimentadas como ambiguas quando em estado virtual e se transformarem em objectos univocos da coesao sacral quando passam a acto.(9) De modo semelhante, os politicos sao ressentidos pelo povo como polos ambiguos de atraccao e de repulsa enquanto sao apenas candidatos, leaders em estado virtual. A passagem a eleicao torna-os objectos univocos da atraccao popular. Para alem de todos os meritos pessoais dos leaders eleitos (nao e disso que se trata aqui) a post-eleicao ve crescer fatalmente o numero dos adeptos de homer politico. (Nao e "oportunismo" das pessoas: as categorias da moral individual nao chegam para explicar os fenomenos colectivos de raizes tao fundas como os que se jugam nestas circunstancias.)

O caso-tipo em tempos recentes foi o do Presidente Reagan cujos limites, gaffes, distraccoes, erros, eram bem conhecidos do povo americano. Mas, na sua necessidade sacral, o povo passou por cima de tudo isso e Reagan abandonou as suas funcoes coma mais elevada popularidade de qualquer presidente americano. (De forma ainda mais clara o programa humoristico da TV francesa que tem sido um sucesso desde as ultimas presidenciais, o Bebete Show, identifica Mitterrand com Deus!!)

Rituais diversos confirmam e acentuam esta forca sagrada projectada fantasmaticamente sobre o leader.

Admitindo como hipotese que o ritual se destina a inscrever o profano na esfera do sagrado para lhe conferir a espessura da realidade,(10) podemos perguntar-nos se nao vem dai as parafrases gestuais e coreograficas das cerimoniais de investidura - nao querem elas dizer que, para alem do juramento cujo valor juridico seria suficiente, ha outros vinculos que transcendem o voto popular? Nao e isso que Maria Velho da Costa diz na "Missa in



albis" quando ao descrever os acontecimentos do Carmo em 74 diz que "ali estava orando a gente um poder-em-Ser"?

Essa força tem expressões verbais próprias. A palavra ritualizada passa a ter duas direções: a da violência (e deixo por resolver o problema levantado por René Girard (11) sobre a relação do sagrado a violência) e a da auto-satisfação.

E não são muitas vezes grandes reuniões internacionais (para nos colocarmos num plano mais geral) grandes liturgias das palavras onde os políticos são oficiantes e os comentadores políticos medianeiros que ecoam as palavras ditas, interpretando-as no seu papel permanentemente iniciático?

5. Dos espaços e tempos sagrados aos condicionamentos psicológicos

A sacralização exige espaços e tempos a parte, consagrados.

Na sacralização do espaço secular que caracteriza a sociedade moderna (dos bancos às sedes das multinacionais ou aos novos "templos da cultura") a política não é excepção. Mas na vida política o espaço condensa-se e concentra-se de tal modo que a simples evocação da Casa Branca ou do Eliseu, do n.10 de Downing Street ou de S. Bento, tem em si um efeito incantatório que torna presente o poder na sua expressão de força mágica.

E que dizer da sacralização dos tempos? Se a festa é indispensável à sociedade sacra porque nela se quebra a rotina e se introduz o acontecimento que fornece as novas gerações a possibilidade de se forjarem uma memória colectiva, (12) não será a festa que os organizadores dos grandes meetings eleitorais tentam recriar com a distribuição mágica dos objectos sagrados? E não será o vazio que então caracteriza a quase totalidade dos discursos ditos políticos, e não será a multiplicidade dos sons e dos sinais a tentativa inconsciente de reproduzir o caos inicial na esperança de que o mundo novo daí nasça?

A sacralização dos mecanismos políticos encontra eco e reforço nos condicionamentos psicológicos dos políticos e das multidões.

Por um lado, o político que aceita essa sacralização (e quem o não faz?) tende a bastar-se a si próprio. Ao ouvi-lo dir-se-ia que o homem político - ressentido na imaginação popular como alguém que se sacrifica por amor à sua tarefa política para o bem dos outros - só se ama a si mesmo. E esse amor de si próprio "provavelmente - diz Serge Moscovici (13) - a razão da confiança exclusiva nas suas capacidades, nas suas ideias, e no seu sentimento de superioridade. Nele o narcisismo aguenta as piores dificuldades. O amor que tem por si mesmo permite-lhe viver sem o amor dos outros se este não for evidente".



Por outro lado, nao existe uma tal sacralizacao sem um consentimento. Ela alimenta-se, em grande parte, da relacao autoridade/dependencia. Nesse sentido, a historia nunca e explicavel pela loucura de um so mas pela aceitacao e consentimento de muitos.

Neste quadro sacral, podemos perguntar-nos o que resta entao da politica, da consciencia individual, da liberdade pessoal, do exercicio de uma responsabilidade unica e inalienavel.

Os proprios direitos individuais sao ameaçados, uma vez que se processa uma massificacao dos comportamentos e das opinioes e que as decisoes sao veiculadas por mecanismos que anulam a participacao individual.

O principio totalitario esta presente em todas as formas de comportamento politico que excluem, directa ou indirectamente, a participacao.

Quando reclamo a exigencia de uma maior participacao na vida politica e de formas diversificadas da democracia, estou a reclamar que a consciencia de cada cidadao se reaproprie o espaco politico onde, livre da sacralizacao que o esmaga, possa emergir em plena liberdade.

6. Os referentes absolutos

A civilizacao europeia da-nos um arquetipo fundamental para esclarecer o que se passa na sociedade de hoje. A tragedia de Antígona e aquela que melhor reflectiu ate hoje a luta da consciencia individual com a ordem politica.

Aparentemente e Antígona que, obedecendo a lei nao-escrita, a exigencia da sua propria consciencia, estaria representando o sagrado. Nao e assim. Antígona nao se remete a proteccao divina; a sua atitude, o seu discurso, nascem dela propria, da sua coerencia intima. Em nenhum momento Antígona suplica Zeus.

Em contrapartida, Creonte, o homem politico, falando do lugar da politica e para justificar decisoes e accoes politicas invoca Zeus e todas as prescricoes da sociedade politica constituída, tornando-se assim o sacerdote de uma autentica "religiao da cidade".

Fecha-se assim o laco que prende a politica ao sagrado. O que torna o desespero de Antígona uma inconsolavel solidao e que "Tebas, como qualquer outra cidade, e um mundo fechado e sem nada para alem dele, onde a orbe do sagrado se funde e confunde com o espaco social".(14) E a sociedade bloqueada onde "a raiva cresce".

Nesta sociedade, a "religiao da cidade" nao funda o

sujeito senao "na sua relacao social e ritual da exterioridade". Retira-lhe o espaco da interioridade. Bernard-Henri Levy observa que o tipo de morte a que Antígona e condenada diz o caracter tremendo da transgressao que ela cometeu, agindo em nome dessa interioridade. A falta de Antígona seria de tal envergadura que ate os seus tracos foi necessario apagar da terra dos homens. E preciso delimita-la, mesmo na morte, tornando-a "um ser de nenhum lugar". Para a religiao da cidade o supremo sacrilegio e a afirmacao da pessoa na sua singularidade: "tornar-se 'eu' e condenar-se a desaparecer".

A "religiao da cidade" fica posta em questao porque um comportamento inedito rompe os lacos que prendiam a politica ao sagrado. E que, como o faz notar Georges Steiner, "os absolutos transcendentales aos quais Antígona faz apelo no seu debate contra Creonte sao, num sentido radical, absolutos profanos". (15)

Para Antígona esses absolutos sao simples de enunciar e de compreender: perante a morte os seus dois irmaos sao absolutamente iguais; o mal e o bem realizados em vida de cada um dos irmaos pertencem ao dominio do passado e nao decidem do direito a solidariedade familiar.

Antígona vive das leis que ninguem escreveu, de um sentimento que a habita e de que ela sabe, numa discreta lucidez, que o resultado sera a morte. Nao e o sagrado mas o reduto da consciencia que abriga a coragem e a forca de Antígona.

7. E o Cristianismo?

E neste sentido que se pode dizer que Antígona prefigura, tambem neste aspecto, uma atitude crista.

Porque o Cristianismo nao e, em primeiro lugar, uma religiao, nao ha para o homem da Fe distincao entre o sagrado e o profano. (16)

Tres notas apenas a recorda-lo.

Primeiro, o Cristianismo esta para alem do espaco sagrado. Apos a expulsao dos vendilhoes Cristo responde aos fariseus dizendo-lhes que, se quiserem, poderao destruir o templo porque Ele o reconstruira em tres dias: desloca o espaco sagrado para a sua propria existencia.

Segundo, o Cristianismo esta para alem de um tempo sagrado. Quando os fariseus O interpelam por curar um paralitico ao sabado, Ele responde-lhes que e Senhor do sabado.

Finalmente, a decisao tomada pelos Apostolos no I Concilio de Jerusalem de nao exigirem a circuncisao significa a libertacao do Cristianismo nascente em relacao ao ritual sagrado.

E Pedro vai mesmo mais longe ao dizer, na sua primeira carta, que o sacrificio necessario e um sacrificio espiritual, uma vida santa, misericordiosa, compassiva.



Ao homem do sagrado - do ritual e do sacrificio - contrapoe-se o homem espiritual, o homem cujo estatuto proprio e o de uma fundamental liberdade.

Para o homem espiritual, na sua propria secularidade, na sua autonomia terrestre, tudo tem a sua origem em Deus e tudo n'Ele se transfigura. Como diz Paulo, a criacao geme com as dores do parto a espera que os filhos de Deus lhe tragam a Redencao.

Para o homem espiritual, a grande questao face a politica nao e a distincao entre o sagrado e o profano. E, antes, a relacao intima entre a mistica e a politica.

E o saborear das coisas divinas, e o austero exercicio da constante presenca divina.

E e, ao mesmo tempo, a restituicao a politica dos seus referentes profanos absolutos:

- a verdade: das palavras, dos gestos, dos projectos, das decisoes, das campanhas;

- a justica: na gestao do destino universal de todos os bens, no respeito incontornavel da igualdade entre todos os homens, na procura e na descoberta de solucoes que permitam a cada homem, em cada sociedade concreta e ao nivel de todo o planeta, ver satisfeitas as suas necessidades fundamentais e respeitada a sua dignidade de ser humano e a sua responsabilidade de ser livre.

A tao pouco ou a tanto nos conduz hoje a complexidade.

NOTAS:

(1) Foi o tema central da celebracao do XX aniversario do Club de Roma, em Outubro de 1988; e uma das grandes rubricas da perspectiva a medio prazo da Universidade das Nacoes Unidas; e um tema recorrente da bibliografia recente em ciencias politicas.

(2) Os grandes temas indicados sao tomados da ordem do dia das Conferencias Gerais e das Assembleias Gerais das varias agencias das Nacoes Unidas.

(3) Michael, Donald, in

(4) Para uma analise cuidada desta contradicao o ultimo livro de Costa de Beauregard traz um contributo importante, a acrescentar a literatura sobre a auto-organizacao dos sistemas, em especial o coloquio de Cerisy.

(5) New herald Tribune, Abril 1989.

(6) O fundador da investigacao operacional nos Estados Unidos, Russell Ackoff, chega a definir um problema constituído por numerosos sub-problemas como "a mess"!

(7) Touraine, Alain, in "Le Monde"

(8) Caillois, Roger, in "L'homme et le sacre"

(9) Caillois, idem

(10) Ries, Julien, in "les chemins du sacre dans l'histoire"

(11) Para uma analise aprofundada do pensamento de Girard que constitui um corpo "doutrinal" completo consultar sobretudo "La violence et le sacre" e "Le bouc emissaire."



- (12) Caillois, idem,
- (13) Moscovici, in "L'age des foules"
- (14) Levy, Bernard-Henry, in "Le testament de Dieu"
- (15) Steiner, Georges, "Les Antigones"
- (16) de Certeau, Michel, in "La fable mystique"
Kung, Hans, in "Etre Chretien."



Fundação Cuidar o Futuro



1. Mundo da incerteza e da complexidade

Sempre que se reúnem hoje especialistas das ciências políticas, de prospectiva ou de estudos do futuro, há unanimidade quanto ao problema central da política enquanto organização e gestão da Cidade. A escala prodigiosa atingida pela desordem monetária, o precário equilíbrio em que assenta uma economia mundial em que simultaneamente milhões de seres humanos são deixados morrer a mingua de tudo, o intrincado conjunto das necessidades do desenvolvimento, das consequências que o exagero das suas conquistas tecnológicas ou da sua total ausência provocam no planeta e nas suas riquezas, da incapacidade de conseguir um patamar de estabilidade demográfica compatível com a dignidade dos seres humanos existentes e com as suas necessidades na velhice e na doença, as novas fronteiras do pensamento e da investigação, abertas pela ciência genética e os inensos perigos que representam, a coexistência de um possível apaziguamento entre as duas super-potências e de focos pontuais de conflito e confronto armado - tantos são os índices de uma gigantesca problemática que se resume na expressão de governabilidade.

Fala-se então de imprevisibilidade e da falência dos métodos tradicionais de imaginar e prospectar o futuro, de contexto incoerente dos fenômenos macro-sociais e políticos, de civilização caracterizada pela incerteza (no sentido de Heisenberg), de um tempo de turbulência com tempestade de céu limpo. É o domínio próprio das teorias da complexidade. E se elas ajudam a analisar sistemicamente os fenômenos com que deparamos, estão longe de nos darem uma resposta.

Um dos maiores teóricos da teoria dos sistemas vai ao ponto de dizer que não se trata já no mundo em que vivemos de definir problemas mas aquilo a que ele chama de feixes de confusões. É a expressão usada para descrever esta espécie de intuição feita de fatores incontáveis e imprevisíveis e a de muddling through.

Ao mesmo tempo que se afirma que todo o mundo, envolto em espessa camada de satélites, se encontra de muitas formas

interconectad, afirma-se que toda a informacao disponivel nao ilude o sentimento de que as coisas estao totalmente fora de controle.



De igual modo, a confiança nas capacidades insuspeitadas de todos os organismos vivos em se auto-organizarem face a momentos ou factos provocadores da desordem, tal saber nao apaga a angustia recente face a complexidade de toda a realidade. A desproporcao entre os problemas e os remedios a maõ de toda a gente esta bem patente na interrogacao do cidadão comum face ao ridiculo de deixar de usar qualquer spray com base na informacao de que os CFC sao decisivos na destruicao da camada de ozono.

Precisariamos de respostas cada vez mais precisas a perguntas que so sabemos formular com um grau de ambiguidade cada vez maior. E se as ferramentas de que dispomos sao hoje quase da ordem da inteligencia artificial o que e facto e que elas nao sao ainda capazes de incluir nessa inteligencia a ambiguidade. Responder-nos-ao: "nome errado".

No estado actual das coisas a unica coisa que podemos saber com relativa probabilidade e que o planeta e ingovernavel.

2. Face a complexidade uma politica sacralizada

Nao existe a todos os niveis da existencia humana e em todos os lugares do mundo a consciencia de que as coisas se passam deste modo. Mas de formas diversas a complexidade provoca o ressurgimento do sagrado.

Fundação Cuidar o Futuro

Para algumas zonas do mundo a recusa da complexidade apareceu antes do mais como uma recusa da modernidade construida unicamente segundo os moldes do mundo ocidental. Deu-se entao o regresso a elementos constitutivos do universo sagrado das civilizacoes matriciais quando nao o total envolvimento pelo sagrado ja codificado numa religiao.

Todos temos diante dos olhos as manifestacoes de uma sociedade sacral em que sagrado e religiao aparecem confundidos: o ayatollah tem na sua maõ a vida e a morte, ninguem conhece exactamente quem o rodeia e donde vem as decisoes, ha uma zona de misterio a sua volta, as multidoes que em numeros incomparaveis o ouvem, o aplaudem e o seguem, revelando a conviccao sentida de que seguindo-o seguem as forcas fundamentais que justificam a sua existencia em sociedade.

Nesta situacao, a reverencia perante um poder superior que se julga ser a ordem dada por Allah no Corao e absoluta e generalizada. A consciencia individual desaparece. Um imenso obscurantismo mergulha a sociedade em valores primitivos.

Um tal povo torna-se surdo as vozes que vem do exterior. Por isso, quando entre outras instituicoes, o PE fala da violacao

dos direitos humanos no Irao, essa linguagem tornou-se inaudível, incompreensível, para um povo que voltou a reconstituir-se enquanto povo a volta da realidade sacral que o ayatollah fez voltar a superfície. A sociedade forma-se a volta de acontecimentos que constituem o povo enquanto tal.

Esta identidade manifesta-se a volta de um leader religioso. Mas o mesmo pode acontecer numa sociedade de onde foi evacuada a noção de Deus. O exemplo que conheço directamente e que tem tido até muito recentemente o mesmo carácter de devoção cega a um leader: é a Coreia do Norte. Não há templos, não há igrejas, a palavra Deus não encontra qualquer ressonância. Mas toda a sociedade é sacral. Estatuas do leader, em tamanho natural ou descomunal, enchem todo o país, em especial os lugares que são sagrados por terem sido o teatro da guerra de libertação. Os lugares de batalhas são referências permanentes quer no turismo escolhido, quer nas excelentes fotografias que a propaganda oficial distribui. Todos os estudantes regularmente ao longo da escolaridade, todos os visitantes fazem literalmente a peregrinação a casa onde teria nascido Kim-Il-Sung, de resto num local de uma beleza espectacular. Todas as realizações são descritas como tendo sido inspiradas pelo presidente. Tudo o que de bom acontece no país tem no dizer dos coreanos como causa a decisão do Presidente. E na audição das operas - que cantam sobretudo os feitos que tornaram o povo coreano um povo livre - que o fundo sacral se torna evidente. As traduções em 6 línguas que são visualmente mostradas ao longo das operas têm expressões inteiramente sacrais. Em alguns casos temos a sensação de estarmos a ouvir citações dos livros sagrados das grandes religiões. O presidente é chamado: "o presidente é a luz que ilumina todo o povo"; "é do presidente que vem todo o poder", etc.

Fundação Cuidar o Futuro

Enquanto nesta sociedade o elemento sacral é indispensável para que o povo possa aguentar o total isolamento em que o país se encontra face ao mundo exterior, no primeiro caso o carácter sacral decorre da tentativa de recuperação da identidade do povo iraniano face a modernidade que fora desencadeada no país.

A complexidade é aparentemente evitada por sociedades que, ao recusarem a modernidade, julgam assim evitar as interrogações postas pela modernidade e pela complexidade. É o retorno ao sagrado em nome de uma religião dominante. Ou o aparecimento de fenómenos mágicos.

Em outras eras do desenvolvimento das civilizações, o sagrado era muitas vezes invocado pelo temor que suscitavam os fenómenos da natureza. Hoje os fenómenos sociais, em particular a consciência difusa da ingovernabilidade vivida a escala planetária, provocam o aparecimento do sagrado.

3. A SACRALIZAÇÃO DAS SOCIEDADES SECULARIZADAS

Mas o ressurgimento não se processa unicamente em



sociedades de tendencia sacral. Um fenomeno inteiramente novo tem lugar na Europa industrializada e secularizada.

O que caracterizou a Europa no plano da relacao sagrado/politica foi a via cultural da autonomia progressiva de todas as realidades do universo politico. Nao foi de modo algum um processo linear ao longo do tempo mas a sua dinamica e claramente perceptivel a ponto de ser um dos elementos constitutivos da identidade europeia.

Por um lado, o reconhecimento dos direitos do homem da Revolucao Francesa afirma a dignidade da existencia humana e muda radicalmente a relacao entre o sagrado e a politica. Essa nova relacao vai repercutir-se atodos os niveis da estrutura social e politica.

Por outro lado, a industrializacao introduz a inflexibilidade das leis da Fisica e da Quimica numa escala ate ai desconhecida enquanto a gestao da producao remete para um dominio macro-economico que se revela ele proprio tambem como eminentemente autonomo.

A medida que as leis da cidade se definem em si mesmas sem referentes sagrados, a sociedade seculariza-se. Os ultimos 200 anos sao na historia mundial tambem a historia desse lento processo de secularizacao, de emancipacao das realidades deste mundo e da cidade dos homens.

Mas gradualmente - e sobretudo nos ultimos 30 anos - da-se o aparecimento de formas inusitadas do sagrado. A Europa comeca a dar-se conta de que a propria estrutura da organizacao democratica, na sua expressao especificamente politica, comeca a manifestar fenomenos que pelas suas caracteristicas sao do dominio do sagrado.

A tal facto nao e indiferente nem o progresso tecnologico





NO LIMIAR DO SEC XXI. O CONFRONTO DO SAGRADO RELIGIOSO E DO SAGRADO NASCIDO DA PROPRIA POLITICA

1. Mundo da incerteza e da complexidade

Sempre que se reúnem hoje especialistas das ciencias politicas, de prosoectiva ou de estudos do futuro, ha unanimidade quanto ao problema central da politica enquanto organizacao e gestao da Cidade. A escala prodigiosa atingida pela desordem monetaria, o precario equilibrio em que assenta uma economia mundial em que simultaneamente milhoes de seres humanoa sao deixados morrer a mingua de tudo, o intrincado conjunto das necessidades do desenvolvimento, das consequencias que o exagero das suas conquistas tecnologicas ou da sua total ausencia provocam no planeta e nas suas riquezas, da incapacidade de conseguir um patamar de estabilidade demografica compativel com a dignidade dos seres humanos existentes e com as suas necessidades na velhice e na doenca, as novas fronteiras do pensamento e da investigacao, abertas pela ciencia genetica e os imensos perigos que representam, a coexistencia de um possivel apaziguamento entre as duas super-potencias e de focos pontuais de conflito e confronto armado - tantos sao os indices de uma gigantesca problematica que se resume na expressao de governabilidade.

Fala-se entao de imprevisibilidade e dafalencia dos metodos tradicionais de imaginar e prospectivar o futuro, de contexto incoerente dos fenomenos macro-sociais e politicos, de civilizacao caracterizada pela incerteza (no sentido de Heisenberg), de um tempo de turbulencia com tempestade de ceu limpo. E o dominio proprio das teorias da complexidade. E se elas ajudam a nalisar sistemicamente os fenomenos com que deparamos, estao longe de nos darem uma resposta.

Um dos maiores teóricos da teoria dos sistemas vai ao ponto de dizer que nao se trata ja no mundo em que vivemos de definir problemas mas aquilo a que ele chama de feixes de confusoes. E a expressao usada para descrever esta especie de intuicao feita de factores incontaveis e imprevisiveis e a de muddling through.

Ao mesmo tempo que se afirma que todo o mundo, envolto em espessa camada de satelites, se encontra de muitas formas interconectad, afirma-se que toda a informacao disponivel nao ilude o sentimento de que as coisas estao totalmente fora de controle.

De igual modo, a confianca nas capacidades insuspeitadas de todos os organismos vivos em se auto-organizarem face a momentos ou factos provocadores da desordem, tal saber nao apaga a angustia recente face a complexidade de toda a realidade. A desproporcao



entre os problemas e os remedios a maõ de toda a gente esta bem patente na interrogacao do cidadao comum face ao ridiculo de deixar de usar qualquer spray com base na informacao de que os CFC sao decisivos na destruicao da camada de ozono.

Precisariamos de respostas cada vez mais precisas a perguntas que so sabemos formular com um grau de ambiguidade cada vez maior. E se as ferramentas de que dispomos sao hoje quase da ordem da inteligencia artificial o que e facto e que elas nao sao ainda capazes de incluir nessa inteligencia a ambiguidade. Responder-nos-ao: "nome errado".

No estado actual das coisas a unica coisa que podemos saber com relativa probabilidade e que o planeta e ingovernavel.

2. Face a complexidade uma politica sacralizada

Nao existe a todos os niveis da existencia humana e em todos os lugares do mundo a consciencia de que as coisas se passam deste modo. Mas de formas diversas a complexidade provoca o ressurgimento do sagrado.

Para algumas zonas do mundo a recusa da complexidade apareceu antes do mais como uma recusa da modernidade construida unicamente segundo os moldes do mundo ocidental. Deu-se entao o regresso a elementos constitutivos do universo sagrado das civilizacoes matriciais quando nao o total envolvimento pelo sagrado ja codificado numa religiao.

Todos temos diante dos olhos as manifestações de uma sociedade sacral em que sagrado e religiao aparecem confundidos: o ayatollah tem na sua maõ a vida e a morte, ninguem conhece exactamente quem o rodeia e donde vem as decisoes, ha uma zona de misterio a sua volta, as multidoes que em numeros incomparaveis o ouvem, o aplaudem e o seguem, revelando a conviccao sentida de que seguindo-o seguem as forcas fundamentais que justificam a sua existencia em sociedade.

Nesta situacao, a reverencia perante um poder superior que se julga ser a ordem dada por Allah no Corao e absoluta e generalizada. A consciencia individual desaparece. Um imenso obscurantismo mergulha a sociedade em valores primitivos.

Um tal povo torna-se surdo as vozes que vem do exterior. Por isso, quando entre outras instituicoes, o PE fala da violacao dos direitos humanos no Irao, essa linguagem tornou-se inaudivel, incompreensivel, para um povo que voltou a reconstituir-se enquanto povo a volta da realidade sacral que o ayatollah fez voltar a superficie. A sociedade forma-se a volta de acontecimentos que constituem o povo enquanto tal.

Esta identidade manifesta-se a volta de um leader religioso. Mas o mesmo pode acontecer numa sociedade de onde foi



evacuada a noção de Deus. O exemplo que conheço directamente e que tem tido até muito recentemente o mesmo carácter de devoção cega a um líder: é a Coreia do Norte. Não há templos, não há igrejas, a palavra Deus não encontra qualquer ressonância. Mas toda a sociedade é sacral. Estatuas do líder, em tamanho natural ou descomunal, enchem todo o país, em especial os lugares que são sagrados por terem sido o teatro da guerra de libertação. Os lugares de batalhas são referências permanentes quer no turismo escolhido, quer nas excelentes fotografias que a propaganda oficial distribui. Todos os estudantes regularmente ao longo da escolaridade, todos os visitantes fazem literalmente a peregrinação a casa onde teria nascido Kim-Il-Sung, de resto num local de uma beleza espectacular. Todas as realizações são descritas como tendo sido inspiradas pelo presidente. Tudo o que de bom acontece no país tem no dizer dos coreanos como causa a decisão do Presidente. E na audição das operas - que cantam sobretudo os feitos que tornaram o povo coreano um povo livre - que o fundo sacral se torna evidente. As traduções em 6 línguas que são visualmente mostradas ao longo das operas têm expressões inteiramente sacrais. Em alguns casos temos a sensação de estarmos a ouvir citações dos livros sagrados das grandes religiões. O presidente é chamado: "o presidente é a luz que ilumina todo o povo"; "é do presidente que vem todo o poder", etc..

Enquanto nesta sociedade o elemento sacral é indispensável para que o povo possa aguentar o total isolamento em que o país se encontra face ao mundo exterior, no primeiro caso o carácter sacral decorre da tentativa de recuperação da identidade do povo iraniano face à modernidade que fora desencadeada no país.

A complexidade é aparentemente evitada por sociedades que, ao recusarem a modernidade, julgam assim evitar as interrogações postas pela modernidade e pela complexidade. É o retorno ao sagrado em nome de uma religião dominante. Ou o aparecimento de fenómenos mágicos.

Em outras eras do desenvolvimento das civilizações, o sagrado era muitas vezes invocado pelo temor que suscitavam os fenómenos da natureza. Hoje os fenómenos sociais, em particular a consciência difusa da ingovernabilidade vivida à escala planetária, provocam o aparecimento do sagrado.

3. A SACRALIZAÇÃO DAS SOCIEDADES SECULARIZADAS

Mas o ressurgimento não se processa unicamente em sociedades de tendência sacral. Um fenómeno inteiramente novo tem lugar na Europa industrializada e secularizada.

O que caracterizou a Europa no plano da relação sagrado/política foi a via cultural da autonomia progressiva de todas as realidades do universo político. Não foi de modo algum um processo linear ao longo do tempo mas a sua dinâmica é claramente perceptível a ponto de ser um dos elementos constitutivos da



identidade europeia.

Por um lado, o reconhecimento dos direitos do homem da Revolução Francesa afirma a dignidade da existência humana e muda radicalmente a relação entre o sagrado e a política. Essa nova relação vai repercutir-se atodos os níveis da estrutura social e política.

Por outro lado, a industrialização introduz a inflexibilidade das leis da Física e da Química numa escala até ai desconhecida enquanto a gestão da produção remete para um domínio macro-económico que se revela ele próprio também como eminentemente autónomo.

A medida que as leis da cidade se definem em si mesmas sem referentes sagrados, a sociedade seculariza-se. Os últimos 200 anos são na história mundial também a história desse lento processo de secularização, de emancipação das realidades deste mundo e da cidade dos homens.

Mas gradualmente - e sobretudo nos últimos 30 anos - dá-se o aparecimento de formas inusitadas do sagrado. A Europa começa a dar-se conta de que a própria estrutura da organização democrática, na sua expressão especificamente política, começa a manifestar fenómenos que pelas suas características são do domínio do sagrado.

A tal facto não é indiferente nem o progresso tecnológico com a mil possibilidades que oferece a reprodução dos acontecimentos e a criação de ambientes aparentemente sobrenaturais nem os media que amplificam, reduzem ou anulam novos acontecimentos, tendo um papel de supremos ordenadores do universo criado e da percepção que deles têm os homens.

Os fenómenos políticos passam a ter características que, mesmo em pessoas ateias e através de expressões despidas de todo o significado relativo a presença divina envolvem os mesmos elementos que os fenómenos sagrados.

A consciência individual - tal como em outras situações de hegemonia do sagrado- é sacrificada aquilo que o sagrado tem de alienante. O silêncio do social de que fala Baudrillard, São as massas silenciosas.

Costuma-se por a questão unicamente em termos exclusivos da vivência política que não mobiliza, não conduz a participação, etc. A meu ver, o que está em causa é uma perversão do processo político tal como tem sido vivido na Europa provocado pelos elementos sacralizantes do próprio formalismo democrático.